

Em breve... sim, mais tarde... olhos alheios, aqui... talvez... – “Orlando” de Virginia Woolf

Marcus Alexandre Motta*

RESUMO

Este texto busca ler alguém em e por alguém, segundo uma autobiografia não-pessoal. Nesse sentido, sua escrita destaca uma noção de gênero, criado pela leitura da obra “Orlando”, conforme o afeto religioso e a imposição artística que se declara.

Palavras-chave: Arte – Biografia – Afeto.

Pronto... sí, más adelante... ojos ajenos, aquí... quizás... – “Orlando” de Virginia Woolf

RESUMEN

Este texto intenta leer alguien en y por alguien, según una autobiografía no personal. En ese sentido, su escrita destaca una noción de género, creado por la lectura de la obra *Orlando*, según el afecto religioso y la imposición artística que se declara.

Palabras clave: Arte – Biografía – Afecto.

Soon... yes, later... other people's eyes, here... perhaps... — “Orlando” by Virginia Woolf

ABSTRACT

This text intends to read someone in and through someone, departing from a non-

personal autobiography. In this sense, its writing highlights a notion of genre, created by the reading of the work “Orlando”, according to the religious friendship and the artistic imposition that declares itself.

Keywords: Art – Biography – Devotedness.

Ao aceitar o convite da revista para escrever um texto que pudesse articular gênero, arte e religião, fiquei perguntando-me como fazê-lo. Como não poderia nunca perguntar quais seriam as expectativas para um texto escrito por pesadas mãos, meditei sobre as possibilidades. Não demorou muito a decisão. Queria interessar-me por palavras que pudessem me dirigir a *Orlando – uma biografia*, de Virginia Woolf. Não tive claro em que momento havia conseguido uma resposta às minhas esperanças, ou se isso estava a provocar a oportunidade de um deleite literário.

Sei que esse deleite literário poderia trazer o risco de não cumprir a minha tarefa. Cogitei sobre isso. O certo é que desde a primeira vez em que li *Orlando*, nos fins da década de 1970, como mero estudante, sequências de ignorâncias manifestaram-se, a ponto de deixá-lo solto na estante. Não sei ainda se estar desligado de outros livros traduzia a estupidez dos anos de convicção, mesmo que aquele estágio da minha mente não tivesse qualquer relação com *Orlando*. Por tudo, tenho a estranha sensação de que poderia naqueles anos decidir qualquer coisa com o livro e ser completamente compreendido hoje.

Não quero examinar a urgência do desejo de ser compreendido (desapareceu ao longo dos anos); quero aproveitar o convite e aproximar-me de memórias e anseios pretéritos que me lançaram à traição de algumas escolhas feitas na década de 1970, propondo como assunto fundamental deste texto o meu interesse mais antigo e mais novo, situando-o numa rede de palavras que compuseram o título em questão. O motivo desse caráter pouco claro é dar fé à interface de *Orlando* com texturas individuais que quero deixar abertas ou manter fecundamente abertas – sendo isso o que me impedirá de propor um texto que se faça próprio a uma facilidade de entendimento.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Tal interface pode ser admitida se a tomo como o melhor que posso dispor de mim, confiscando, quase explicitamente, a minha escrita, cuja forte assiduidade é: vou escrever declinando o sentimento de ler alguém em e por alguém, e me encontrar em outro gênero. Ora, ler alguém em e por alguém – assim quero supor – verte a toada de uma leitura que anseia tomar os olhos de *Orlando*. Isso significa efetivamente oferecer os meus em sacrifício, renunciando a uma atitude de modo (marca fácil de nossa intelectualidade), em favor da posse de olhos alheios, cujo horror (é necessário arrancá-los) hei de afrontar para apreciar sua beleza.

Assumir os olhos de *Orlando* é oferecer-me à oportunidade de aprender algo novo e mais antigo, decidindo receber alguma coisa posta, quase sempre, à beira dos estudos dedicados à arte, à religião e também aos estudos de gênero, ou seja: suas próprias dimensões de palavras e olhos. Isso me parece ser uma resposta honesta à tarefa prognosticada pela própria arte: intentar criar-se a si mesma; convencer-se de que existe, conservando-se como tal, impedindo o seu perecimento, sugerindo o que somos – o que constitui uma maneira de definir a extraordinária tarefa do romantismo e dos seus herdeiros, nós.

Nesse itinerário, reconheço que *Orlando* fala da minha existência, de uma intimidade perdida (eu a sinto romanticamente), e que, ao relê-lo, me é sugerido ser a forma de suspeita ou confiança que tenho na vida, completamente religiosa. Isso significa que tal suspeita ou confiança se insinua, religiosamente, em (e por) *Orlando* como algo inelutável e, conseqüentemente, ofensivo.

Evidentemente, estou a falar de religiosidade não como uma questão de conteúdo, senão de intensidade, sabendo já que Deus se concreta em nossos momentos febris, de sorte que o mundo no qual se vive converte-se em uma excepcional sensibilidade religiosa, arte, pelo fato de que só podemos pensar em momentos desse tipo. Sem febre não superamos o campo da percepção, o que quer dizer que nada vemos. Os olhos servem a Deus quando não são os nossos, distinguindo as coisas, sem temer a individualização do gênero que for.

Quando preciso a suspeita ou a confiança que tenho na vida como algo inelutável e ofensivo,

Orlando, pretendo assumir certa condição de momento – denomino esse gesto de gênero. Talvez essa denominação fique mais bem expressa se consigo propô-la como anseio de me falar. E quando inicio a falar comigo, reconheço que eu não sou, mas logo digo: temos e é demais estarmos com inacreditáveis histórias de acordos a povoar, sem dispersão, as nossas escolhas. Acontece que a verdade sobre a noção de gênero tem tantas vias literais que falarei como um profeta: direi a verdade sem hesitação ou reserva. Mas qual é ela? Uma apenas. Apenas uma, que é: a única maneira de fuga da solidão que o mundo e a luz provocam é suspeitar ou ter confiança se a existência é capaz de provar existir de alguma maneira.

Difícilmente, o que acabei de falar, funcionaria como definição para o conceito de gênero, quanto mais para o de arte ou de religião. Contudo, é provável que funcione numa posição oposta, desfigurada. Algo que habita a eternidade abaixo, aquela que nos pertence, consagrada como é pela experiência de interiorização do vazio. Um tipo de autodesfiguração do humano que desembaraça o espírito da presença das próprias ideias.

Isso, com certeza, aparecerá como postura hermética aos olhos postos, pois obrigaria quem assim se posicionasse a um pensamento capaz de supor um mundo de vida sem semblantes, cuja estabilidade deriva do impacto dos acidentes dos olhos dos outros no lugar dos nossos. Não vejo como pensar as três palavras em destaque nesse número da revista (gênero, arte e religião), uma simbólica trindade atuante, sem a íntima solidariedade sigilosa entre elas. E essa solidariedade nada mais é do que a experiência do vazio, que implica uma súbita suspensão de fronteiras, a qual, portanto, não consegue ocultar a realidade, gerando uma instabilidade saudável na consciência do que dizemos ser.

De alguma forma, estar a ver com os olhos de *Orlando* possibilita-me compreender que a arte vai de si ao vivido, sendo, portanto, a única experiência original de gênero que sou passível agora de viver religiosamente “ pois Deus está em todas as coisas, menos nele (um roubo nas lições de Fernando Pessoa). Esse pensamento da expressão equivale à exigência de que *Orlando* proclama a minha sujeição, de que *ele/ela/ela sem mais exis-*

tindo, expõe o que de mim deixei de saber ao existir, vivendo ou lendo – sem nenhuma distinção entre os termos. E ainda, *ele/ela/ela sem mais*, tendo os olhos arrancados por mim e sabendo que sacrifiquei os meus, confia-me a leitura de sua biografia, suspeitando se aquela que almejo é a busca pela prova do meu existir, contando apenas com *ele/ela/ela sem mais*.

Entre as sombras que restam na minha indecisão de viver aqui com olhos alheios (saber que vou me curvar ao peso da existência), pressinto que as figuras que parecem viver são forças do sonho do meu espírito em desejar ser prisioneiro, sem escapatória, da imutável realidade de um livro. Porém, com olhos alheios, tenho os meus pensamentos encarnados, de forma passageira, na existência da arte, presumindo o que eu seja. Quero, então, decidir quanto empenho há em pensar e escrever como saída de nenhuma história (a que compõe a minha rasura autobiográfica denominada *Orlando*). Assim, as interfaces de *Orlando* com as minhas texturas individuais são ideias provenientes da tarefa de ler alguém em e por alguém, solicitando a mutação do próprio conhecimento da arte em favor de uma modalidade de sentimento artístico.

Indiretamente, por essas consequências *a priori* sentidas, o conhecimento é um ato religioso, pois expio altivo o espírito a pesar em seu total abandono no inevitável. Sim, os olhos alheios. Aqueles que cultuam a beleza e se parecem com uma deserção completa, impressionando-me com um sorriso de dolorosa alegria e de sonora superioridade. Do centro da beleza dos olhos de *Orlando*, posso mirar a vida dando voltas, transvestindo-me de gêneros como uma emoção desinteressada que não se associa, já que estou com olhos alheios, ao imediato da existência, retardado pelo ritmo da poesia.

Ora, *Orlando* não pertence ao tempo e, por isso, corta toda a respiração da identidade. As sombras das épocas que o cercam, sempre de fraca nostalgia, estão inspiradas por um espetáculo de beleza. Espetáculo esse que intervém e desencadeia o livro que escreve, *O carvalho*, exigindo de mim um texto com os olhos que eram seus, para que nada como a lucidez possa pôr o amor em retirada e aturdido. *Orlando* é esse algo que havemos perdido nas nossas idades da mentira, o vazio que segue a

retirada do sentimento, conforme a expansão de estudos frios e excessivamente conceituais.

Nesse ponto, meu pensamento é um lugar religioso fundamental, como *Orlando*, inelutável e ofensivo, onde se divulga o apetite em suspeitar ou confiar na condição da existência humana e no conhecimento que disso deriva. Na medida em que esse ato desdobrado concebe um problema humanitário em geral, sua indexação refere-se à postulação do diálogo artístico, em circunstâncias que me permitem estar, de antemão, pronto para aceitar a minha capacidade de ser decepcionado por mim, algo essencial à forma de haver os olhos de *Orlando*.

Se perguntasse qual é o motivo disso, diria que *Orlando* é quem mais se enviou ao descanso religioso das palavras, vivendo nelas ingenuamente sem dar confiança ao que estava acontecendo, pois, de fato, o tempo passava para todos, menos para *ele/ela/ela sem mais*. *Orlando* correspondia-se com a realidade, o que exige distância para a mensagem, como alguma coisa dispersa no seu cotidiano – daí os móveis trocados na casa imensa que é a sua. *Ele/ela/ela sem mais* não tem como contrapartida, portanto, nenhum motivo para se endividar a quem a penetra com clarividência, discernindo seu fundo vazio de identidade.

Para *ele/ela/ela sem mais* não há relações espontâneas com o real, assinalado por suas utilidades; o que a leva a se encurralar numa perigosa autonomia em relação ao tempo e, por isso, alcançando o que a espanta. E o que a espanta, são as palavras que fogem e se põem ao alcance sempre. Se bem que com elas, não se pode, sem embargo, passar sem buscá-las, sendo precisamente isso o que está mais alijado quando se agarra a elas.

O mal-estar que isso provoca não difere daquilo que é provocado pela realidade: o vazio, sempre preenchido pela escrita de *O carvalho*; deslumbre do fundo, arte, das próprias palavras, evocando o que *ele/ela/ela sem mais* capta das coisas. O ato artístico é esta disjunção que toma forma de ruptura. Escapando instintivamente das convenções, do universo herdado e das palavras transmitidas, *Orlando* se põe na busca de outra ordem, imperecível ao tempo, lançando um desafio ao nada da existência, se dedicando à demiúrgica verbal. Sem imaginar, vai vivendo um mundo finalmente descoberto por seus olhos,

sem impor qualquer coisa a partir dele. Vive o encanto do próximo e do possível intemporal. Sua atitude, a verdade, não se distingue da arte, subcrevendo-a e, por isso mesmo, vive entre a ortodoxia do discurso e a heresia do verso.

Ele/ela/ela sem mais julga de modo diferente. Se toma a linguagem a sério, cria uma à sua maneira. Todas as suas singularidades, que não são poucas, atrasando o passo em relação à própria época, procedem de sua intolerância por palavras tais como são. Incapaz de suportar a banalidade e o desgaste das palavras se predestina a sofrer a causa delas e por elas. E sem interdição, por elas, intenta nos salvar e, de sua regeneração, espera a salvação que é a minha, aquela que tenho agora com os seus olhos como meus.

Por calma que seja sua visão da vida, *Orlando* nunca se torna um verdadeiro negador. Quer revigorar, com os olhos seus, as palavras, infundir nelas uma vida como se fosse um presente para cada um de nós – no caso para mim –, supondo um aparente fanatismo de escrita do seu livro, *O carvalho*. Uma obrigação fora do lugar: criar circunstâncias, poética de gêneros, sendo cúmplice do verbo e fervoroso no seu próprio altar. Verbo, um falso niilismo: toda demiúrgia verbal tem o seu lugar a expensas de qualquer lucidez.

Possuir os olhos de *Orlando*, tê-los arrancados para desejar com o horror a sua beleza, é perceber que *ele/ela/ela sem mais* faz ocorrer nesse leitor algo em vez de nada, arte. Fazer ocorrer algo em mim – e abuso ao dizer: em qualquer um – é o que posso denominar de ser alguém interessado por alguma coisa em e por alguém. Isso já é muito mais do que qualquer um consegue naquilo que todos chamamos de viver, e algo bastante religioso por sinal.

Nessa vitalidade, me vêm os meus recursos de insensatez. Não os temo, pois se opõem aos meus comuns espantos e às minhas precárias dúvidas; ninguém vive delas, dado que já admiti a terapêutica do delírio. A força dessa desrazão converte-se em uma fonte, um ponto inicial, de momentos outros. Não sou verdadeiro se não irradio o tempo daqueles olhos, iluminando estes meus instantes. Assisto, então, à voluptuosidade das coisas, surpreendidas por terem começado a existir, impacientes por explicar meus assombros com olhos alheios.

Quando estou como alguém interessado em algo em e por alguém, sinto que o conhecimento que passo adquirir é os meus olhos em sacrifício, pois, se me sinto alguém possuidor dos olhos de *Orlando*, reconheço-me modalizado sexualmente por *ele/ela/ela sem mais*. Se me pretendo circulando com olhos de *Orlando*, postos no lugar dos meus pela violência de minha leitura, devo estar reconhecendo a fé que me diz que eles existem sob a minha posse. Se assim faço, é possível que a suspeita e a confiança que tenho na vida esteja a expressar momentos de perigo e de perda que estar interessado em algo em e por alguém adensa.

Corre-se perigo, se há situação de perda, por estar alguém interessado em e por outro. Fica evidenciado que a suspeita e a confiança que me acompanham são formas de reconhecimento de olhos arrancados por mim; mesmo no horror, aprecio sua beleza. Então, estar interessado é ter-me no empenho de arrancar olhos de alguém? Possuí-los como coisas belas sob a minha posse, suspeitando e confiando cegamente em olhos que jamais são os meus?

De algum jeito, nessa ocorrência, nada deixa de ter olhos passíveis de serem extraídos quando belos são, sejam do tipo que for, expressando que a minha forma literária de testar se a existência prova existir é tornar-me possuidor dos olhos de *Orlando*. Logo, devo admitir, publicamente, que só estou como sou quando tenho a posse daqueles olhos.

Tendo os de *Orlando* na suspeita e confiança na vida, sei que eles me habitam e solicito deles os meus hábitos de olhar, a ponto de me sentir inhabitado pelos meus, adquirindo outras manias de ver. Talvez esse novo e tão antigo interesse torne-se hábil em elucidar as causas que me valem feminino quando possuo os olhos *dele/dela/ela sem mais*. Entendo, por isso, viver o rubor da face em olhos não meus, escondendo-me nele e vivendo dele e com eles; feminino, conhecer o mistério de um privilégio, cujo alcance é imaginar conhecê-lo e cuidar-me nele. Não mais há buscas, aí está ao alcance dos meus olhos não meus.

Sabemos que os olhos de *Orlando* são destaques da obra de Virgínia Woolf – embora sejam mais aqui em virtude de terem sido extraídos por esta leitura. E, como tais, dispostos na minha face, rubricam a beleza que a pugna dos olhos consagra ao

valer-se contra as receitas de vida. Assim, os sinto a provocar bíblias que desconheço, aceitando os enganos de interpretação e quase os encorajando.

Não digo que os olhos de *Orlando* estejam sob a minha posse apenas porque os aceito como prenda de guerra; antes os percebo como armas que travam batalha contra os meus, destruindo-os, rechaçando-os, sem paciência. É com os *dele/dela/ela sem mais* que luto contra os prudentes raciocínios que não me deixam de cercar. Dessa maneira, tenho crédito na capacidade daqueles olhos transmitirem situações manipuláveis, liquidando-as. Um tipo de reconhecimento patético – literário, digo – que me impulsiona pela insubordinação ao olhar as coisas, constatando, a cada instante, que tudo que pode gerar erro na interpretação faculta ser a derrota dos meus hábitos de gênero.

Com os olhos de *Orlando* sei que nada é durável e, portanto, sobrevivem da arte. E é por essa razão, precisamente, que vejo caminhos e cultivo-os ao olhá-los duramente. Lá onde os meus olhos enxergariam a batalha sobre muros dos conceitos e montanhas de histórias, se tenho os *dele/dela/ela sem mais*, vejo ainda caminhos, cujo esforço é nobre, pois não os viajo, mas os crio, vendo-os com eles. Ao demolir o que existe em mim, os olhos de *Orlando* são meus — não pronuncio que aquilo que faço seja por amor aos escombros, mas é por amor aos caminhos que eu acredito atravessá-los. Atravessar, eis uma palavra bíblica por excelência.

Claro que se sou – tal e qual *Orlando* – alguém em e por alguém, é porque estou autobiografado por um livro com medidas artísticas que a minha vida não tem, mesmo que isso venha valer por confiança ou suspeita. Não há qualquer problema em dizer isso, pois não há ninguém interessado em ou por olhos que não esteja biografado por alguém que lhe dê a autonomia que na vida não há.

Tenho um biógrafo literário, como qualquer um, pois não consigo pensar que cada um de nós, ao escrever sobre ou para alguém, deixe de sofrer o seu destino e consagre-se como um gênero que não é o seu. E se *Orlando* é tão convincentemente a autobiografia desse alguém que escreve, devo argumentar que *ele/ela/ela sem mais* está ali, no lugar dos meus olhos, a recitar um tipo de reconheci-

to da autonomia artística que nenhum século é capaz de pesar a manta.

Porém, a fraqueza de minha confissão biográfica é esclarecida quando sei que a minha aspiração de confiança ou suspeita converte-se, artisticamente, em forma de professar a falência de níveis de autoadmiração. Isso porque os meus afetos dedicados a *Orlando* são declarados como a minha vida suscetível de ser questionada e, *aqueles* olhos, ficam a aplicar à vida a biografia que me caberia.

Não sei se a minha autobiografia em e por alguém, *Orlando*, consinta ser o meu destino. Entendo por destino, agora que tenho olhos alheios como os meus, o aparecimento de minha condenação. Então, minha autobiografia *Orlando* é uma forma de culpa, inscrevendo-me no horizonte da falta, o que corresponde à natureza de minha existência.

Se válida, é porque a minha autobiografia *Orlando* funciona como o criador de alguém incompletamente imaginado e, dessa forma, apto a restar invisível no seu melhor, uma forma de divindade humanamente consentida. Possuindo o destino, em olhos alheios, alcanço a ver como se pode desejar perceber que em tudo há uma projeção. E como tal, devo não ser tão brilhante, já que ser arte, como *O carvalho* de *Orlando*, resulta ser tão desonesto quanto qualificador de minha biografia com olhos alheios.

Assim, não há o que pedir à arte que seja uma resposta às minhas interrogações ou alguma revelação essencial. O mistério de *Orlando*, os seus olhos, é ser como eu. Por que, então, devo apelar a ele, se os seus olhos são meus?

Quando entre palavras vivo, sou incapaz de comunicar qualquer vibração que não seja tão seca, tão degradada como todos nós. Mas como tenho aqueles olhos alheios, meu espírito pensa mais que os objetos assinados na antiga visão que tinha, descendo ao ponto em que o espanto junta-se a uma inumanidade que pesa como minha salvação. Embalado na descida, leio as evidências, conhecendo esse horror da linguagem quando não porto os meus olhos alheios. Por isso, escapo do mutismo, vivendo a vertigem que só a arte é capaz de consolar conforme a perda momentânea das certezas ou dúvidas.

Desse modo, *ele/ela/ela sem mais* é o absoluto contrário das horas negativas do meu existir, que

nem abonam a crença e nem a fé. Perco, portanto, o mal-estar do universo verbal, posto que, com os seus olhos, torno o meu monstro passível de salvação, suprindo o vazio que me é comum com a palavra poética vazio. Não posso agora repelir a salvação, creio nela. Por recebê-la por outros olhos, admiro a generosidade das irreais e perfeitas visões por um caminho traçado por aquela outra vista.

Se aquilo que vejo deve ser acessível ou hermético, eficaz ou gratuito, é um problema secundário. Exercício ou revelação com olhos alheios é o que de pouco ainda há e sobrevive “chame isso de religião, arte ou metamorfoses literárias do gênero. Só peço, por minha parte, que me liberte dessa prisão dos meus olhos e dos tormentos dos discursos que comparecem quando estou cansado do outro.

Por graça inconfessável, e por motivos opostos, as minhas palavras combatem pela liberdade, sem precisar descobrir a sua fantasia. Logo, inclino-me sobre as palavras e impeço qualquer análise que se metamorfoseie em sombras cordatas à luz. Tomo vocábulos, repito-os certo número de vezes, sem examiná-los, evitando a sua esterilidade. E nesses olhos não meus, confio neles e respeito a sua singularidade, pois foram eles que me permitiram possuir outros, sem precisar ficar vivendo sobre conceitos e fronteiras.

Fico a imaginar o que *Orlando*, biografando-me, deseja me fazer pensar quando, nas suas “reconstituições” de mim, invoca a noção platônica de recordação para proclamar que não pode haver desejado empregá-la de modo literal. Talvez, aqui, a minha autobiografia *Orlando* sirva, pois concluo que no final resta um gênero, inventado por sua arte, que irá, prontamente, se deter messiânico.

Mas nada disso quer dizer algo razoável. Há aqui um salto brusco e inesperado. Não nego que me ponho em apuros; sou, contudo, autobiografado por *Orlando*. E ao dizer, devo escrever que algum dia suspeito, ou confio, na suposta confecção dessas linhas. Permito-me, portanto, recordar-me do quanto perversa é semelhante reivindicação. Se biografado, digo ser eu os vários tipos de gênero inventados pela arte de *Orlando*, que irá, prontamente, deter-se messiânico, porque me tornei defeituoso de tamanha imaginação.

Consisto, principalmente, num dispositivo sem regulação; as imagens são atribuições de uma vida própria, como se as qualidades de *Orlando* tivessem mais presença do que aquelas que considerava minhas antes de tomar os seus olhos. Enfim, venho indicado por *elelelelela sem mais*, num texto que me protege da “genuína poesia” do detrator que não sabe ler. Tal é a minha contenda de alguém que é autobiografado por um livro, juntando a isso o escandaloso sentido de que o meu destino se imprime nessa escritura.

A convicção é de que, sendo autobiografado por *Orlando*, o meu pensamento pode encontrar distintos interesses em litúgio “aqueles mesmos que são tão próprios a qualquer pessoa, quanto mais num arrancador de olhos alheios. Claro que isso pressupõe respirações no limite, pois alguém como eu, biografado, confessa entender que o mundo possa morrer “em razão da confiança ou suspeita de que ele pode ou não provar sua existência com tantos limites em jogo.

Considero, assim como sou autobiografado, que a busca por parte da arte é *Orlando* como se fosse eu. Uma forma de unir, ou equiparar, o meu esforço para recuperar-me de mim mesmo, estando aqui sentado, calado por tempo suficiente, como se cumprisse a minha vida e rezasse.

Para mim, essa felicidade de viver com olhos alheios é uma sensação de renúncia, com a qual me experimento, e me alarmo, e me interrogo sobre o meu novo estado. Não há nada semelhante ao meu passado: é a primeira vez que saio da singularidade do pior. Olhos alheios fazem a iluminação dos dedos a tocar paraísos desmesurados. Essa felicidade é aquela da qual retiro a minha liberdade, tentando incorporar sua natureza e se possível continuamente.

Meus hábitos, em olhos de *Orlando*, me movem a interpretar a superfície da autobiografia. A minha autobiografia, portanto, é o ornamento do que digo a mais da sua substância. Ou seja: as palavras que uso podem se entender como equivalente de um nada sem maior nulidade, como por muitas vezes os estudos de gênero percorrem, febrilmente, o universo biográfico, individual ou histórico.

Se cada palavra autobiográfica que uso implica ser *Orlando*, é porque estão no imediato daqueles

olhos. Assemelham-se, o imediato daqueles olhos, aos alentos das virtudes e dos vícios que eu mesmo tenho. Mas como possuo os olhos *dele/dela/ela sem mais*, comunico seus desejos, sabendo deles ou não. Digo que se trata de um modo mais particular, porque se apresenta como recuperação da voz de *Orlando* na mais ordinária fala que encerro.

E se encerro aquela voz, é porque falo como ando sem ter tão belas pernas como aquelas de *Orlando*. Ele, mesmo ainda masculino, de pernas longas e belas. Ele assim e eu nas minhas feias. Não digo tanto, mas comparadas às dele, o que posso dizer?

Posso dizer que as nuances das pernas de *Orlando* são evidentes como os passos da leitura de

sua biografia. Quando assim penso, detentor que sou daqueles olhos, vejo a minha autobiografia na medida em que a leio interessado em e por alguém – nesse caso sou apenas eu apto a restar invisível no meu melhor, gênero(*samente*).

Referências bibliográficas

- WOOLF, Virgínia. *Orlando " uma biografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- CAVELL, Stanley. *Must we mean what we say?* Cambridge: Cambridge-USA, 2002.
- DERRIDA, Jaques. *O cartão-postal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.